

**O paratexto de *Em cima da hora: a conquista sem guerra*.
Uma análise à luz das máximas de Paul Grice**

**The Paratext of *Il est moins cinq*.
An Analysis in the Light of the Maxims of Paul Grice**

Eliane Euzébio¹

Resumo: Neste artigo tem-se por objetivo apresentar uma análise do material paratextual presente na tradução da obra *Il est moins cinq*, (*Em cima da hora: a conquista sem guerra*), de Carlos Lacerda, a partir dos conceitos das máximas estabelecidas por Paul Grice. Para Grice, produzir linguagem, de certo modo, significa produzir enunciados em um determinado momento sócio-histórico. Mais do que isso, a determinação desses enunciados depende do conhecimento das “regras que regem o ato da fala”, além da intenção do emissor. A desobediência dessas regras poderá acarretar um efeito diferente do esperado no enunciado, fornecendo, assim, uma implicatura, isto é, algo implícito expresso na linguagem, o que sugere a necessidade de nova análise, nova interpretação, à procura do verdadeiro sentido desse enunciado – análise esta a que se propõe neste artigo.

Palavras-chave: Enunciado; Análise; Paratexto; Máximas.

Abstract: This article has the aim to presenting an analysis of the paratextual material present in the translation of *Il est moins cinq* (*Em cima da hora: a conquista sem guerra*), by Carlos Lacerda, from the concepts of the maxims established by Paul Grice. To Grice, producing language, in a certain way, means produce statements in a particular socio-historical moment. More than that, the determination of these statements depends on the knowledge of the “rules that govern the act of speech”, besides the intention of the issuer. The disobedience to these rules may result in a different effect than expected in the statement, thus providing an implicature that is something implicit, expressed in language itself, which suggests the need for a new analysis, a new interpretation, in search of the true meaning of this statement – the analysis proposed by this article.

Keywords: Statement; Analysis; Paratext; Maxims.

Introdução

Em *Meaning* (1957), o filósofo Paul Grice procura explicar questões relativas ao sentido. A teoria que desenvolveu afirma, dentre outras coisas, que toda conversação depende da "intenção" daquele que fala. A linguagem é vista por Grice como um instrumento do qual o locutor se vale para "comunicar as intenções" dele ao destinatário, intenções nas quais está contido o sentido.

¹ Universidade de São Paulo (USP). Rua do Lago, 717, CEP: 05508-80, São Paulo, SP. E-mail: beeliane.euzebio@yahoo.com

Grice alega que "comunicação" vai além da transmissão de uma mensagem codificada pelo falante e decodificada pelo ouvinte. Segundo o autor, a comunicação é um ato de cooperação entre falante e ouvinte. Para que o ouvinte entenda o que o falante diz, não basta conhecer o código (a língua em questão) – o ouvinte precisa também perceber a intenção comunicativa do falante para entender o sentido implícito da fala, e ele só faz isso mediante o conhecimento de mundo dele e do contexto em que a comunicação se dá, além dos conhecimentos que tem do falante e de suas motivações ou intenções.

Essa "intencionalidade", segundo Eduardo Guimarães, fez com que Grice retomasse a proposta psicológica do sujeito, posta de lado por Saussure, e passasse a conceber um sujeito psicológico, individual e consciente de suas intenções. "Retoma-se, por este modo de considerar o sujeito, o psicologismo, que Saussure evitou de forma decisiva." (GUIMARÃES, 1995, p.31).

Partindo desses princípios, a teoria griceana estabelece os quadros dos princípios de funcionamento da linguagem que vão orientar a interpretação do sentido contido na intenção do falante. O autor explica que toda "conversação é regida pelo Princípio da Cooperação", por meio do qual os integrantes se envolvem na conversa e contribuem de acordo com as exigências da troca conversacional. O Princípio da Cooperação funciona por meio de um conjunto de regras que regem o ato conversacional: as máximas. Estas, por sua vez, servem de parâmetro para interpretar o sentido.

Às máximas conversacionais, Grice atribui:

- 1) Quantidade: "Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto necessária." Essa máxima corresponde às informações expressas no texto, visando a uma contribuição informativa e necessária. "Não seja lacônico, redundante, diga o suficiente, nem mais, nem menos."
- 2) Qualidade: "Não diga o que você acredita ser falso; não diga senão aquilo para o que você possa fornecer evidência adequada." Nessa máxima, o que se espera é que a informação seja verdadeira.
- 3) Relação ou relevância: "Seja relevante." Nessa máxima, pressupõe-se a contribuição do autor, que deve ser relevante aos objetivos da intenção. Aqui

são levadas em consideração tanto a escolha do tema, bem como a exclusão de tudo aquilo que seja desnecessário ao entendimento da mensagem.

- 4) Modo: "Seja claro: evite obscuridade de expressão, evite ambiguidades, seja breve, seja ordenado." Essa máxima refere-se ao modo como a proposição é expressa por meio de palavras objetivas, com sentido preciso, frases e expressões delimitadas, bem estruturadas, a fim de que se obtenha uma interpretação homogênea, caso contrário, o falante elabora seu discurso de maneira desordenada.

As máximas estabelecidas por Grice evidenciam que a conversação obedece a uma lógica particular, já que o não-cumprimento de uma máxima irá produzir efeitos diferentes daqueles que o ouvinte teria a princípio. Elas descrevem um conjunto de raciocínios que o ouvinte faria para deduzir, concluir ou interpretar o sentido do que o locutor disse. O ouvinte, na realidade, procura um sentido para o enunciado que esteja de acordo com as máximas descritas anteriormente, considerando o que a informação literal pode estar dizendo de cooperativo, verdadeiro e relevante para uma determinada situação discursiva.

Caso o enunciado não esteja de acordo com as máximas de conversação, este irá produzir sentidos distintos, gerando assim as implicaturas conversacionais. Ou seja, as implicaturas surgem a partir da violação das regras estipuladas nas máximas. Dessa forma, podemos dizer que, em um enunciado, quando derivamos implicaturas do interlocutor, não são nas expressões linguísticas que buscamos justificativas para uma interpretação, mas no fato de que a interpretação habitual da frase é inapropriada para a situação, o que propõe uma nova interpretação.

Grice defende a existência de um sentido literal, intimamente relacionado ao significado convencional das palavras (da sentença). "Dizer", para ele, está relacionado aos sons emitidos e à informação veiculada, descartando-se a interferência dos implícitos e dos pressupostos. Dessa forma, as ironias, as expressões ambíguas, as metáforas, entre outras, constituem, para Grice, uma violação do Princípio de Cooperação ou, pelo menos, de uma máxima de conversação.

Desse ângulo, produzir linguagem é o mesmo que produzir enunciados de

determinado modo, em determinado momento sócio-histórico. A determinação do enunciado, por sua vez, depende do conhecimento das "regras que regem os atos de fala", bem como da intenção do falante ao enunciar, considerando-se o processo cooperativo que as pessoas seguem ao se comunicarem de modo eficiente, fornecendo informações, respondendo e respeitando as regras conversacionais de Grice. Caso haja a desobediência às regras, o enunciado fornecerá um efeito diferente do esperado. Fornecerá uma implicatura, que representa o implícito expresso na linguagem, sugerindo uma nova interpretação em busca do sentido verdadeiro desse enunciado.

Considerando a teoria das máximas conversacionais e o implícito no enunciado, por meio do presente artigo objetiva-se fazer uma análise do material paratextual da tradução de *Il est moins cinq* [*Em cima da hora: a conquista sem guerra*], de Carlos Lacerda, à luz das máximas de Paul Grice.

Carlos Lacerda: o político tradutor

A fama de Carlos Lacerda no Brasil é a de "demolidor" de presidentes. Segundo Marina de Gusmão (2002), Lacerda desempenhou papel-chave na queda de pelo menos três deles: Getúlio Vargas (1954), Jânio Quadros (1961) e João Goulart (1964). Embora tivesse pertencido ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), no início de sua carreira política, em 1934, foi como membro de um partido de direita, a União Democrática Nacional (UDN), que se elegeu vereador pelo Rio de Janeiro em 1947, deputado federal em 1955 e governador do estado da Guanabara em 1961. Lacerda também era jornalista, tendo atuado no Diário de Notícias, Diário Carioca, Correio da Manhã, Tribuna da Imprensa e, durante seu exílio nos Estados Unidos, em O Globo e O Estado de São Paulo. Além disso, escreveu ensaios críticos sobre autores brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade e Érico Veríssimo; romances, peças, contos e crônicas, e, durante os anos 1940, adaptou muitas obras literárias para teatro, rádio e televisão do Brasil. Foi também parceiro de compositores populares brasileiros.

Para John Foster Dulles (1992), durante toda a carreira, Lacerda sempre demonstrou interesse em traduzir. Verteu para o Português clássicos como *A morte de Ivan Illitch*, de Leon Tolstói, e *Júlio César*, de William Shakespeare, além de *Caracteres*

(*Caractères*), de Jean de La Bruyère (em 1936, sob o pseudônimo de Luiz Fontoura) e *Minha mocidade*, de Winston Churchill (1941), de quem era grande admirador. Sua preferência por obras que refletissem a tradição democrática liberal americana pode ser observada em suas traduções de *O triunfo* (*The Triumph*) de John Kenneth Galbraith, assessor econômico do presidente norte-americano John Kennedy; *Em cima da hora: conquista sem guerra* (*Il est moins cinq*), uma crítica severa da crescente influência soviética no mundo, de Suzanne Labin (1963); *O bem amado* (*Come Blow Your Horn*), de Neil Simon, peça encenada em 1963, quando Lacerda ainda era governador do Rio de Janeiro; o prefácio do livro *Estratégia da paz* (*Peace Strategy*), de John Kennedy; *Do escambo à escravidão* (*From Barter to Slavery*), de Alexander Marchant (1943), *A vida de Thomas Jefferson* (*Life and Letters of Thomas Jefferson*), de Francis W. Hirst (1943). Para Lacerda (1977), traduzir era uma forma de relaxar da política, e dedicou-se a verter para o português a peça *Como vencer na vida sem fazer força* (*How to Succeed in Business Without Really Trying*), de Abe Burrows, na noite de 31 de março, data do golpe militar de 1964, para relaxar da tensão de ver o Palácio Guanabara, sede do governo estadual, cercado por forças leais ao governo de João Goulart.

Em cima da hora: a conquista sem guerra. A tradução como veículo de manipulação ideológica

Il est moins cinq, de Suzanne Labin, foi publicado na França em 1961. Sua tradução, com o título de *Em cima da hora: a conquista sem guerra*, de Carlos Lacerda, foi lançada no Brasil em 1963, período em que o Brasil passava por uma das mais graves crises políticas de sua história: após a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, e pouco antes do golpe de 1964, que depôs João Goulart e que levou o Brasil a uma das mais longas ditaduras de sua história.

A obra de Labin – um verdadeiro tratado anticomunista – calhava à perfeição ao empenho de Lacerda no "combate" à influência comunista, que a seu ver aumentava e se infiltrava cada vez mais no país durante o governo João Goulart. Portanto, a escolha de *Il est moins cinq* não foi mero acaso. Na verdade, o livro permitia a Lacerda difundir uma visão contrária à política de inclinações esquerdistas adotadas pelo presidente,

como também, por meio do paratexto que inseriu na tradução, divulgar ora sub-repeticamente ora de maneira explícita sua ideologia política, chegando até mesmo, nos momentos mais flagrantes, a se valer de tal expediente para se defender das acusações graves que lhe haviam sido imputadas durante seu governo na Guanabara. Em vista disso, pode-se considerar *Em cima da hora* um exemplo típico de tradução com elementos paratextuais que apresentam clara intenção política, embora não seja um caso único dentre outras traduções levadas a efeito por Lacerda, como *O triunfo*, de John Kenneth Galbraith, *A Rússia de Stalin*, *Do escambo à escravidão*, de Alexander Marchand, *A Itália por dentro*, de Richard Massock, todas traduções que apresentam igualmente grande quantidade de material paratextual utilizado para a inserção de ideias políticas do tradutor.

Obviamente, essas alegações só podem ser validadas por meio de uma análise do tratamento dispensado por Lacerda no que diz respeito a intervenções de natureza diversa que, em sua função de tradutor, ele levou a efeito na tradução da obra aludida, bem como a seus modos peculiares de elaborar o material paratextual. Antes, porém, de analisarmos os procedimentos tradutórios adotados pelo político tradutor e de detectarmos elementos da ideologia política "implícitos" nestes, parece-nos necessário apresentar uma definição mais adequada de paratexto, de suas modalidades, função e importância na obra literária. Para tanto, recorreremos a um dos mais completos estudos sobre o assunto, Seuils², de Gerard Genette (2001).

O paratexto segundo Genette

Em seu estudo, Genette nos dá uma definição formal de paratexto, qual seja, os expedientes e convenções liminares tanto na obra (peritexto) quanto fora desta (epitexto), que fazem parte da mediação complexa entre livro, autor, editor e leitor. Genette classifica como elementos paratextuais, por exemplo, a capa, a contracapa, a jaqueta, as introduções e os prefácios, as dedicatórias e epígrafes, os pseudônimos, os títulos e

² As arguições que se seguem baseiam-se na edição inglesa da obra intitulada *Paratexts: Thresholds Interpretation*, Cambridge, Cambridge University Press, 2001.

subtítulos, as notas, os epílogos e os posfácios. Para ele, o paratexto é o que permite a um texto tornar-se um livro e ser oferecido como tal a seus leitores e, mais geralmente, ao público. Trata-se de uma zona entre texto e não-texto, uma zona não só de transição, mas de transação; um local privilegiado, estratégico, de influência sobre o público que está a serviço de uma melhor recepção, ou de uma leitura mais pertinente do texto.

A fim de que se compreenda a mensagem paratextual de um livro, é preciso determinar onde ela está inserida no livro, quando foi escrita, como é representada (se de forma verbal ou por meio de ilustrações), por quem e para quem foi escrita e, por fim, quais as funções que essa mensagem visava cumprir. Isso porque o paratexto, de certa forma, também é um texto. Na verdade, ele constitui um elemento passível de apresentar algum tipo de informação, tal como o nome do autor ou a data de publicação, ou mesmo relatar qual é o objetivo do texto, do autor ou do tradutor, entre outros elementos. Por trazer essas informações, o paratexto pode tornar pública tanto uma interpretação quanto uma "intenção" do autor, editor ou tradutor.

Processo de análise: o paratexto de *Em cima da hora* do ponto de vista de Grice

Para uma análise do paratexto de *Em cima da hora* do ponto de vista de Grice, ressaltando os elementos implícitos deste, procuramos destacar exemplos que possam ser relevantes quando nos propomos rastrear procedimentos de natureza paratextual ditados notadamente pelas intenções políticas do tradutor. Dessa forma, os enunciados que seguem foram extraídos do material paratextual de elaboração do próprio tradutor em edição publicada pela Editora Record, em 1963, e foram extraídos da capa, do prefácio do tradutor e das notas do tradutor.

A capa de Em cima da hora: a conquista sem guerra

Dentre as aludidas tentativas de combater Goulart, pode-se perfeitamente computar a tradução que Lacerda fez de *Em cima da hora: a conquista sem guerra*, de Suzanne Labin. Já na capa da primeira edição da obra, é possível identificar de imediato certa sugestão de ameaça comunista que a autora haveria de se empenhar em denunciar ao longo de sua carreira.

Um lance de olhos à capa da primeira edição francesa, à guisa de curiosidade, haveria de reconhecer, comparativamente à capa da edição brasileira, uma neutralidade maior no que concerne a mensagens ideológicas explícitas ou subliminares. Na edição francesa, vê-se a foice dos comunistas ligeiramente atenuada por estar servindo de suporte a um mostrador de relógio, encaixado por sua vez na concavidade desta. Os 12 algarismos tradicionais foram substituídos também pela foice e o martelo. Os ponteiros do relógio indicam cinco minutos para o meio-dia, ou para a meia-noite, sem que se aluda direta ou indiretamente a nenhum país específico. Já na edição brasileira, paralelamente à cor vermelha dispersa no título e no subtítulo, vê-se a foice e o martelo representados no interior de um mapa do Brasil em branco, supostamente “devastado”, em claro contraste com a profusão de verde que o margeia, como que a indicar o avanço inexorável das forças comunistas pelo País.

Embora por meio desses motivos a capa antecipe de modo mais ou menos evidente o clima de advertência e alarmismo que impregnam o livro, esta, como afirma Genette, participa da mediação complexa que envolve fundamentalmente editor e leitor. Embora a elaboração e projeto da capa não fiquem necessariamente a cargo do autor, tampouco do tradutor, nos parece-nos lícito inferir que ao menos o título e o subtítulo tenham sido opções do tradutor. Isso devido a alguns fatores: (a) Lacerda, além de amigo, era sócio de Alfredo Machado, o dono da Distribuidora Record, que publicou a referida tradução; (b) Lacerda menciona detalhadamente o sumário do livro *Conquest Without War* [*A conquista sem guerra*] em uma de suas notas, o que evidencia que o subtítulo não foi escolhido por acaso – havia a intenção de divulgar o livro no Brasil.

Enunciado (1): Em cima da hora: a conquista sem guerra

Como o próprio Lacerda esclarece numa das notas a *Em cima da hora...*, o subtítulo *A conquista sem guerra* foi apostado arbitrariamente à obra pelo tradutor, inspirado em *Conquest Without War*, de Mager, embora esse subtítulo remeta à infiltração comunista e à sua tomada de poder, que, aos olhos de Lacerda, se dava de modo sub-repeticivo, sem oposição. Na verdade, segundo Lacerda, os comunistas já haviam “colonizado” o Brasil sem que os brasileiros se dessem conta disso. Podemos

afirmar, então, que Lacerda extrapola a *máxima de modo*, estabelecida por Grice, pois nada há no enunciado que se refira de maneira clara à penetração dos comunistas no Brasil.

A apresentação e o prefácio de *Em cima da hora*

A edição brasileira apresenta uma breve apresentação e um prefácio de sete páginas, ambos de autoria do próprio Carlos Lacerda, já que o “Alferes Xavier”, que assina a apresentação do livro, em virtude da comicidade do nome – uma óbvia alusão a uma das figuras mais importantes de nossa história –, acaba por funcionar como mero artifício irônico, denunciando assim o disfarce ou ocultamento da autoria³, procedimento aliás em conformidade com tom e a dicção, por assim dizer, mais “pedestres”, zombeteiros até (“Você [no caso, o leitor] verá [...] que decisão tomou o comando supremo da máquina soviética, depois de convencer-se daquilo que os ceguinhos comunistas do lado de cá ainda não viram [...]”), mas que só fazem preparar o leitor para o que será repisado em tom mais sóbrio no prefácio, no qual é possível detectar, inequivocamente, elementos da ideologia do político-tradutor.

Sabe-se que a função do prefácio é tornar pública tanto a intenção quanto a interpretação de quem o escreve. Este pode ser representado por qualquer tipo de texto introdutório (prefacial ou posfacial) feito pelo próprio autor (autoral) ou por um terceiro (alográfico), e consiste em um discurso desenvolvido a partir do tema do texto que o antecede ou precede. Muitos estudiosos consideram semelhantes textos como um instrumento retórico típico de persuasão – segundo Hegel, por exemplo, muito mais persuasivo do que a introdução de um livro.

Desse ângulo, Lacerda, valendo-se desse instrumento de persuasão, de imediato deixa clara sua crença no poder das ideias no que concerne à transformação social, e dá mostras de sua consciência do papel da tradução, começando, a partir daqui e de maneira sistemática na elaboração das notas, a traçar paralelos com a realidade de então no Brasil e a tecer comentários sobre esta.

³ Lembre-se que Lacerda, pelo menos desde 1937, diversas vezes valeu-se do expediente de pseudônimos, com os quais assinou artigos em revistas acadêmicas e jornais, uma tradução e até mesmo uma peça de teatro, os mais célebres deles tendo sido Júlio Tavares, Marcos Pimenta, Luís Fontoura e Nicolau Montezuma.

Enunciado (2): Este livro é um guia no meio da confusão, um antídoto para o veneno da inércia, um roteiro contra o sofisma. Possam lê-lo os que ensinam os outros a ler.

Nesse enunciado, constante do prefácio do livro, o falante insinua que o governo de então – o de Goulart – encarna a expressão da desordem, da ineficácia, do "sofisma", ao passo que a frase "antídoto para o veneno da inércia" remete, como era de conhecimento geral, à questão da aprovação das leis pelo Congresso. Desde que Goulart assumiu o governo, Lacerda sempre o combateu proclamando sua incompetência administrativa, pois Goulart não conseguia fazer com que o Congresso aprovasse uma única lei. A seu ver, não havia progressos em nenhum setor (do planejamento, da economia, da reforma agrária). O País estava condenado à indolência. Quanto à palavra "sofisma", podemos perceber que há um implícito que é a referência a um governo que usa de argumentos falsos para tentar induzir o povo ao erro, qual seja o de considerar o comunismo a única forma de solucionar os problemas brasileiros. Lacerda verbaliza sua opinião por meio de metáforas que extrapolam a *máxima de qualidade* estabelecida por Grice, que, por sua vez, visa necessariamente à comprovação de uma afirmação verdadeira. Lacerda viola também a *máxima de modo*, pois na expressão "[...] os que ensinam os outros a ler" não está claro "quem" ensina os outros a ler. A marca implícita no enunciado é a crítica ao sistema de governo, a sua organização e funcionalidade.

Enunciado (3): Quem quiser entender o que se está passando no Brasil, e contribuir para mudar esses acontecimentos terríveis deve ler este livro. Os inimigos também. Ele só não adianta aos tolos.

Na passagem em questão, Lacerda prossegue em sua crítica oblíqua à ação governamental. Como já dissemos, na época em que essa tradução foi publicada, Lacerda estava tentando combater Goulart em virtude de sua aproximação com os países comunistas, e o prefácio em questão é o meio de que Lacerda se vale explicitamente para tentar persuadir o leitor de que a "desordem" de então era simplesmente reflexo da política administrativa adotada pelo presidente. Tanto a expressão "esses acontecimentos terríveis", como também, "os inimigos" e "tolos", por seu caráter vago violam a *máxima de modo*.

Enunciado (4): Pois não é o povo simples, o povo pobre, o povo ainda tão pouco instruído que está traindo o Brasil. Quem o está traindo, por incompreensão ainda mais que por intenção, são letrados. Os que têm armas e não as usam. Os que têm força e não sabem o que fazer com ela. Os que olham e não querem ver.

Considerando a teoria de Grice, é possível verificar a desobediência do locutor quanto à *máxima de modo*, no caso das expressões "os que têm armas e não as usam. Os que têm força e não sabem o que fazer com ela. Os que olham e não querem ver". Podemos inferir aqui que o falante pode estar-se referindo tanto aos letrados, quanto aos militares – os letrados têm a arma da sabedoria e não a usam em favor da sociedade; têm a força (influência) para mudar a situação, mas não sabem o que fazer com ela; têm a capacidade de discernimento, mas não acreditam no que estão vendo. Já no caso dos militares – eles têm as armas de verdade e não as usam, têm a força para tomar o poder e resolver a situação caótica que se instalou e não a usam, enxergam tudo o que acontece no país, mas fazem de conta que não estão vendo. A presença da ambiguidade é clara e, portanto, quebra novamente a *máxima de modo*.

Enunciado (5): Influentes no governo, os soviéticos promovem no Brasil uma revolução palaciana, oficializam a desordem, impedem a normalidade financeira e econômica, tumultuam a formação cultural, entronizam o charlatanismo, fomentam o oportunismo, conquistam o Poder por meio de crises sucessivas.

Ao denunciar que os soviéticos eram "influentes" no governo Goulart – denúncia motivada pelo reestabelecimento das relações diplomáticas com a URSS –, e ao detalhar "as calamidades" que eles vinham promovendo no Brasil, Lacerda deixa implicado em seu enunciado que o governo Goulart favorecia os comunistas, permitindo que esses se tornassem "influentes" no país. Por outro lado, ele nos faz supor também que Goulart era um presidente relapso e incompetente, que não se importava nem com a recuperação e muito menos com o desenvolvimento da Nação, já que permitiu que os comunistas soviéticos tentassem conquistar o Poder, por meio das crises políticas e do caos que a seus olhos promoviam no Brasil. O falante, portanto, explora a *máxima de relevância*, pois expressa o que é fundamental e relevante aos seus objetivos políticos.

Enunciado (6): Um Presidente da República tem o desplante de dizer que a constituição, que jurou defender e nunca respeitou nem cumpriu, está superada. E contra ela mobiliza, numa aliança natural, os negociastas e os comunistas, igualmente interessados em saquear o Brasil, privando-o da ordem democrática, da ordem com liberdade, da liberdade com responsabilidade.

O governador Carlos Lacerda, ao se referir a "um presidente", deixando de explicitar o nome deste no enunciado, extrapola a *máxima de modo*, pois não está claro no enunciado de que se trata exatamente do presidente Goulart. O locutor deixa a cargo do interlocutor concluir que se trata do presidente da República de então.

Nesse enunciado, quando o falante se refere aos "negocistas e comunistas", não fica claro quem são exatamente os "negocistas". Sabemos que os comunistas são os adeptos do comunismo, um sistema político e econômico que elimina a propriedade privada dos meios de produção, sistema que Lacerda combatia duramente. Mas, o termo "negocistas" não tem um sentido preciso no enunciado, porque tanto pode estar referindo-se aos especuladores como aos "espoliadores" do Brasil. Assim, o falante viola tanto a *máxima de modo*, pois o sentido exposto não é preciso, quanto a *máxima de qualidade*, já que o locutor não fornece evidências adequadas para que o receptor possa saber exatamente quem são esses "negocistas".

O enunciado possibilita-nos perceber também a implicatura de que o presidente brasileiro de então não tem honra nem respeita a Nação, pois não defende a Constituição que "jurou" defender e muito menos a respeita ou a cumpre como se deve. Pelo contrário, ao fazer aliança com os especuladores e comunistas, permite que estes roubem o País e o privem da ordem democrática com liberdade e responsabilidade. Novamente, ao explorar a *máxima de relevância*, o falante expressa o que é importante aos seus objetivos na interação comunicativa.

As notas de *Em cima da hora*

Segundo Genette, de um modo geral toda nota é uma afirmação de extensão variável – uma palavra, no caso, é quanto basta – relacionada a um segmento mais ou menos definido do texto, a qual pode-se apresentar tanto em oposição a esse texto quanto estar em harmonia com ele.

Nas notas, podemos encontrar definições ou explicações de termos usados no texto, e, às vezes, a menção de um significado específico ou figurativo. O caso mais comum desse recurso paratextual, qual seja, a nota feita elaborada pelo próprio autor, tem a função de servir como um suplemento, amiúde como uma digressão, e muito raramente como forma de um comentário.

O exame das notas elaboradas por Lacerda para *Em cima da hora [...]* pode revelar que o autor se valia delas não só com a intenção de dar definições e aclarar o sentido de determinados termos, mas, como dissemos, de destilar elementos de sua ideologia política, ao traçar paralelos com a realidade brasileira de então e ao relatar preferências e aversões, além de desferir ataques de ordem pessoal, casos em que chega ao extremo de defender-se de acusações que lhe haviam sido feitas em episódios de sua carreira política.

Na tradução brasileira de *Em cima da hora [...]*, obviamente é possível encontrar notas de feição, por assim dizer, mais “convencional”, como o tipo descrito por Genette, com o objetivo único de definir, esmiuçar conceitos, lançar luzes sobre termos obscuros, arcaicos ou pouco usuais:

Kremlin: o conjunto dos palácios imperiais que, em Moscou, constituem a sede da ditadura comunista.⁴

Logomaquia: a confusão das palavras (baralhando ou invertendo o sentido). Paz quer dizer Guerra, democrático quer dizer ditatorial, liberdade quer dizer escravidão. E assim por diante. Há estudos completos sobre a “logomaquia” comunista.⁵

Veza por outra, no entanto, é possível perceber a escrupulosidade do tradutor na elucidação de certas palavras, cedendo passo a um tom de insinuação, de sugestão velada – tanto mais quando se pensa nas várias declarações públicas e reprobatórias de Lacerda sobre supostos “criptocomunistas” apoiados por Goulart.

⁴ *Idem*, p.43

⁵ *Idem*, p.39

Enunciado (7): Cripto, prefixo de origem grega que significa oculto. Diz-se de uma flor que é criptógama quando traz escondidos os órgãos de frutificação. Uma escrita criptográfica quando é feita em código. Criptocomunista é o comunista que não diz que é comunista, uns porque escondem que o sejam, outros porque ninguém lhes pergunta se o são.

Em contraste com a definição clara e objetiva, a modo de verbete de enciclopédia do prefixo cripto, a definição que Lacerda nos dá de "criptocomunista" peca uma vez mais segundo a *máxima de modo*, de vez que não se sabe quem são "uns" e "outros", deixando patente um tom irônico, gerado na justaposição de definições que se podem dizer vazadas quase em rigor científico e de uma declaração obscura, em função dos pronomes indefinidos que a perpassam.

As suspeitas quanto a Lacerda, na nota que acabamos de mencionar, estar-se valendo de uma escrita muito próxima da "criptográfica" podem-se confirmar na seguinte nota, em que ele, fugindo ao registro elucidativo ou meramente complementar que caracteriza a nota-padrão, simplesmente apela à cumplicidade do leitor

A esta altura o leitor terá compreendido por que parece ao tradutor desnecessário dar maiores exemplos brasileiros para ilustrar a análise da autora. Por si só ela conduz o leitor a comparar com o que ele sabe, vê, lê e ouve todos os dias. Melhor do que qualquer comparação é essa análise, cujos exemplos, tirados da experiência de outros povos, nós brasileiros, infelizmente, não precisamos mais buscar lá fora. Pois já estão dentro de casa.⁶

Conclusão

A meticulosidade demonstrada por Lacerda, a cada passo da tradução, com o intuito de aclarar, definir, pesar as frases da autora, com quem partilha de ideais políticos afins, chega a ser flagrante algumas vezes. Os paralelos com a realidade brasileira são numerosos e traçados com o didatismo peculiar, por meio de exemplos colhidos no dia-a-dia do leitor, que caracteriza a prática na difusão de uma ideologia política. No material paratextual levado a efeito por Lacerda, talvez seja possível afirmar que o que se pode considerar uma "violação" de uma ou várias máximas propostas por

⁶ *Idem*, p.51

Grice, na maioria dos casos, representa um ataque velado ao governo do então presidente João Goulart, bem como de uma tentativa de afirmação dos próprios objetivos políticos do tradutor, nessa época, muito empenhado no combate ao comunismo, no Brasil.

Referências

DULLES, John Foster W. **Carlos Lacerda: a vida de um lutador**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, v.1, p.1914-1960; v.2, p.1960-1977.

GALBRAITH, John Kenneth. **O triunfo**. Trad. Carlos Lacerda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1968.

GALBRAITH, John Kenneth. **The triumph**. Boston, Houghton Mifflin Company, 1968.

GENETTE, Gerard. **Paratexts: Thresholds Interpretation**. Cambridge, Cambridge University Press, 2001.

GRICE, H. P. Meaning. *In: Philosophical Review*, n.67, 1957.

_____. Lógica e conversação. *In: Dascal (org.) vol.4*, 1982.

GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas: Pontes, 1995.

GUSMÃO DE MENDONÇA, Marina. **O demolidor de presidentes**. São Paulo: Codex, 2002.

LABIN, Suzanne. **Il est moins cinq**. Paris, Éditions Berger-Levrault, 1961.

_____. **Em cima da hora: a conquista sem guerra**. Trad. Carlos Lacerda. Rio de Janeiro: Record, 1963.

LACERDA, Carlos Frederico Werneck de. **Depoimento**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

MILTON, John; EUZÉBIO, Eliane. **Tradução e identidade política: as adaptações de Monteiro Lobato e o Júlio César de Carlos Lacerda**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.